

A EPISTEMOLOGIA DAS CIÊNCIAS HUMANAS EM BAKHTIN: LINGUAGEM, PALAVRA E POESIA

Rosilene de Fátima Koscianski da Silveira⁴³

Eliane Santana Dias Debus⁴⁴

INTRODUÇÃO

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. [...]. Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em um todo único e tornar-se uma só pessoa. (BAKHTIN, 2011, p. 21)

O presente texto sintetiza apontamentos teóricos que pautaram uma pesquisa que trata da relação infância e poesia realizada no âmbito do doutorado em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A tese intitulada *Infância e poesia: encontros possíveis no espaço tempo da escola*⁴⁵ se consubstanciou a partir do propósito de investigar a relação infância e poesia, indagando sobre os modos de interação, os significados atribuídos e a relevância da leitura, da criação e da fruição poéticas na constituição do sujeito contemporâneo, leitor e narrador de sua história. O estudo perpassou, de modo interdisciplinar, os campos da infância, da educação, da linguagem e da literatura, voltando o olhar especialmente para a poesia.

A empiria teve como cenário uma escola da rede pública estadual de Santa Catarina, Brasil; foi realizada no segundo semestre de 2013 e primeiro semestre de 2014. Neste espaço-tempo, a relação “infância e poesia” se fez tema de pesquisa com crianças⁴⁶ numa escolha

⁴³ Atua como professora na Rede Pública Estadual de Santa Catarina e no Curso de Pedagogia – Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica (PARFOR) na Universidade do Sul Catarinense (UNISUL). Endereço eletrônico: rosilenefks@yahoo.com.br

⁴⁴ Professora da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, atuando no Departamento de Metodologia de Ensino e no Programa de Pós-graduação em Educação. Endereço eletrônico: elianedebus@hotmail.com.

⁴⁵ Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE-UFSC) sob a orientação da Professora Dra. Eliane Santana Dias Debus (Brasil), financiamento: Programa do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior (FUMDES/UNIEDU); coorientação do Professor Dr. Fernando José Fraga de Azevedo, Universidade do Minho (Portugal) no Estágio Científico Avançado (Doutorado Sanduíche), financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A tese, na íntegra, está disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/176024/345672.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 6 ago. 2017.

⁴⁶ A pesquisa contou com a participação de vinte crianças e cinco adultos. Os adultos são duas professoras (Pedagogia e Letras), um funcionário de serviços gerais e dois poetas regionais. As crianças compõem um

metodológica chamada de “espaço de narrativa” (LEITE, 2008, p. 121), que privilegiou o encontro com meninos e meninas para confabular sobre a poesia e sobre a vivência poética da criança no cotidiano escolar e para além dele. Dialogou igualmente com adultos, professores ou não, para refletir sobre o modo como a linguagem poética transita na escola. A investigação assentou suas premissas numa visão bakhtiniana de constituição do humano pela linguagem, discutindo, de modo transversal, a aprendizagem e o usufruir das modalidades oral e escrita, apreendidas e aprimoradas no espaço escolar.

Os passos empreendidos no caminho investigativo nos mostraram que as palavras precisam ter explicitados os sentidos e significados mais evidentes articulados à enunciação do objeto em estudo. Explicitações que não cabem nas linhas introdutórias de um texto, mas que nelas se iniciam. Linguagem, enunciado, palavra e poesia são alguns dos termos que deram corpo e forma à pesquisa realizada. Abarcam conceitos amplos que orientam tanto o diálogo estabelecido na metodologia que a tornou possível quanto a fundamentação teórica e epistemológica sobre a qual se assenta a tessitura de um estudo que trata do letramento literário, de maneira geral, e da relação infância e poesia, em particular. Uma pesquisa que tem como pano de fundo a relevância do processo de letramento literário para o aprendizado humano no aspecto amplo e, em especial, no âmbito linguístico. A chave conceitual de abertura é, sem dúvida, a concepção de linguagem, aqui entendida a partir de sua natureza social.

Desta forma, *A epistemologia das ciências humanas em Bakhtin: linguagem, palavra e poesia* apresenta alguns dos conceitos-chave que pautaram a pesquisa acima mencionada que, no seu aspecto mais amplo, ancora sua base teórica, filosófica e epistemológica no materialismo histórico, especialmente nos estudos de Mikhail Bakhtin (1992, 2011). A reflexão se inicia com “Uma epistemologia das ciências humanas” e prossegue explicitando o conceito de linguagem, de sua unidade referencial (o enunciado), da palavra e da poesia a partir da perspectiva bakhtiniana.

Uma epistemologia das ciências humanas

Nelita Bortolotto (2007, p. 28), ao explicitar o “caminho de pesquisa” em sua tese de doutorado, afirma que “A abertura teórica de Bakhtin difere fundamentalmente dos caminhos metodológicos das ciências positivistas, uma vez que abre perspectivas para pesquisas em

grupo heterogêneo de oito meninos e doze meninas, com idade entre oito e doze anos, estudantes de terceiro a quinto anos da educação básica, que participavam dos encontros em horário de contraturno escolar.

ciências humanas”. A autora está se referindo a uma “abordagem epistemológica histórico-social, [que] permite outra forma de pesquisar o ser social e suas ações (processos e produtos) sobre o mundo real das atividades humanas, entre elas o trabalho escolar” (BORTOLOTO, 2007, p. 28). Com um objeto de pesquisa (a relação infância e poesia) inscrito nas ciências humanas e indagado a partir do contexto escolar, trilhamos um caminho similar, recorrendo a Bakhtin (2011, p. 393) não apenas para tratar da linguagem, a partir de sua concepção dialógica, mas também para explicitar uma “metodologia das ciências humanas”. Uma opção que se fez, principalmente, porque a base empírica do estudo é constituída por sujeitos em interação com um objeto plurissignificativo – a poesia. Segundo Bakhtin (2011, p. 395, grifo do autor), “O objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado”. Nesse sentido, tanto a relação dos sujeitos com o objeto quanto a constituição do objeto são indagadas, buscando a compreensão dos fenômenos. Os critérios de cientificidade são a precisão e a profundidade do diálogo que se busca estabelecer no campo da pesquisa.

A abordagem bakhtiniana para as ciências humanas tem como perspectiva a bilateralidade do fenômeno investigado, visando à compreensão. Trata-se de uma “[...] compreensão como visão do *sentido*, não uma visão fenomênica e sim uma visão de sentido vivo da vivência na expressão, uma visão do fenômeno internamente compreendido, por assim dizer, autocompreendido” (BAKHTIN, 2011, p. 396, grifo do autor). Esta compreensão como visão do sentido, segundo Bortolotto (2007, p. 29), “[...] ocorre no encontro e confronto entre visões de mundo entre dois sujeitos, sem fundir em um só os dois, sem ferir a alteridade. A compreensão é sempre dialógica”. O fenômeno complexo e dialógico da compreensão resulta da interação entre duas consciências e nesse sentido difere fundamentalmente da explicação formulada nas pesquisas nas ciências naturais, na qual apenas uma consciência se manifesta e formula as explicações. Difere ainda das ciências exatas, que podem ser indagadas numa “[...] forma monológica do saber: o intelecto contempla uma coisa e emite um enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a *coisa muda*.” (BAKHTIN, 2011, p. 400, grifo do autor). O autor diz ainda que qualquer objeto pode ser pesquisado desse modo, até mesmo o homem, e, neste caso, ele passa a ser percebido como coisa (reificado). Aqui não estamos falando de um sujeito, mas de um objeto. O sujeito, numa visão bakhtiniana, não pode ser indagado e/ou conhecido como coisa, pois o homem enquanto sujeito e permanecendo sujeito não emudece – ele fala de si mesmo, e o conhecimento que se pode ter dele precisa ser dialógico.

Bakhtin (2011, p. 398, grifos do autor) faz uma descrição sistematizada do processo de compreensão, desmembrando-a em atos particulares:

Na compreensão efetiva, real e concreta, eles [os atos particulares] se fundem indissolavelmente em um processo único de compreensão, porém cada ato particular tem uma autonomia semântica (de conteúdo) ideal e pode ser destacado do ato empírico concreto. 1) A percepção psicofisiológica do signo físico (palavra, cor, forma espacial). 2) Seu *reconhecimento* (como conhecido ou desconhecido). A compreensão do seu *significado* reprodutível (geral) na língua. 3) A compreensão de seu *significado* em dado contexto (mais próximo ou mais distante). 4) A compreensão ativo-dialógica (concordância-discordância); a inserção no contexto dialógico. O elemento valorativo na compreensão e seu grau de profundidade e de universalidade.

Na perspectiva de compreensão explicitada, interessa os sentidos atribuídos ao fenômeno estudado e não apenas uma explicação dele. O sentido se materializa no ato concreto (particular), num processo de reconhecimento do signo físico, das relações de significação reproduzidas (na linguagem) num determinado contexto, com a compreensão “ativo-dialógica” de concordância, ou não, e pautada nos valores sociais dos interlocutores. Para Bakhtin (2011), o sentido (de uma imagem ou de um símbolo) somente pode ser descoberto e/ou comentado mediante outro sentido isomorfo; é impossível dissolvê-lo em conceitos. O sentido é personalista, produzido por meio de uma pergunta que requisita uma resposta imediata. “A interpretação das estruturas simbólicas tem de entranhar-se na infinitude dos sentidos simbólicos, razão porque não pode vir a ser científica na acepção de índole científica das ciências exatas” (BAKHTIN, 2011, p. 399). Atribuir sentido envolve lembranças (memorizadas) e possibilidades (de futuro) antecipadas. A primeira como referência no âmbito de um passado (inacabado). A segunda como interpretação de contextos distantes (porvir). Mas, se essa interação não pode ser considerada científica no sentido de uma ciência exata, ela é “[...] profundamente cognitiva. Pode servir diretamente à prática vinculada às coisas” (BAKHTIN, 2011, p. 399). O movimento dialógico de interpretação tem um ponto de partida (um dado texto), faz um movimento retrospectivo no contexto de passado e um movimento prospectivo como antecipação de um contexto futuro. Este último, por sua vez, traz a percepção de um novo passo naquilo que está compreendido (conhecimento). Por outro lado, segundo o autor,

Não se deve esquecer que a coisa e o indivíduo são *limites* e não substância absoluta. O sentido não quer (e nem pode) mudar os fenômenos físicos, materiais e outros, não pode agir como força material. Aliás, ele nem precisa disso: ele mesmo é mais forte do que qualquer força, muda o sentido total do acontecimento e da realidade, sem lhes mudar uma vírgula na composição

real (do ser); tudo continua como antes, mas adquire um sentido inteiramente distinto (a transfiguração do ser centrada no sentido). Cada palavra do texto se transfigura em um novo contexto. (BAKHTIN, 2011, p. 404, grifo do autor).

A pesquisa em ciências humanas indaga essencialmente o homem e os fenômenos a ele relacionados, em sua complexidade. O observador contempla o outro (homem) com a visão que possui de si mesmo, enquanto (homem) indagador. Ele observa e é observado num processo de contemplação recíproca e simultânea que produz visões concretas diferentes. Isso ocorre porque na aproximação do “eu” que observa com esse “outro” que é observado existe algo que somente pode ser visto pelo outro, como o próprio corpo, a expressão, um “mundo” que o envolve. Para Bakhtin (2011, p. 21), esse processo é consubstanciado pelo “excedente de visão” que se faz

[...] presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstância, todos os outros estão fora de mim.

Com esse olhar criterioso e categórico para a interação dialógica entre o eu e o outro, Bakhtin constrói o conceito de “exotopia”. Um conceito que se constitui como elemento-chave para a pesquisa, mas “[...] não atribui ao pesquisador uma condição de superioridade ao tomar ‘o outro’ como objeto de investigação; há que esclarecer essa condição do pesquisador diante do outro, o investigado pelo lugar exotópico que o pesquisador assume” (BORTOLOTTI, 2007, p. 29). Para a autora, esse lugar assumido pelo pesquisador é privilegiado pelo “excedente de visão” e instituído pela alteridade, pois “Aí há vozes concretas e o produto da socialização é produto das atividades discursivas e extralinguísticas” (BORTOLOTTI, 2007, p. 29). Com Bakhtin (2011, p. 23), poeticamente, ainda podemos dizer que:

O excedente de visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge que o excedente da minha visão complete o horizonte do outro indivíduo contemplado sem perder a originalidade deste. Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele, e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele.

Na metáfora do broto e da flor, há a sutileza do cuidado ao “recolher” a voz do outro, do esforço que se faz necessário para ouvir com clareza e entender aquilo que o outro diz, a partir do seu ponto de vista. Está implícita a disposição em ampliar os graus de aproximação

entre observador e observados. Como dialogar com a palavra alheia e aproximar-se dos sentidos atribuídos pelo interlocutor com precisão? “Nas ciências humanas, a precisão é a superação da alteridade do alheio sem sua transformação no puramente meu (substituições de toda espécie, modernização, o não reconhecimento do alheio, etc.)” (BAKHTIN, 2011, p. 408-409). As palavras do outro são assimiladas e incorporadas ao texto de modo vivo e criativo, tecendo outro texto, em um novo contexto, a partir do princípio de complementariedade. Além disso, segundo Bakhtin (2011), numa atividade de pesquisa intensamente dirigida, vários aspectos se interpõem. O autor destaca, entre esses pontos, as diversas modalidades da atividade cognitiva; a ação do sujeito cognoscível e seus graus de compreensão; os limites do conhecimento e seus graus de materialidade e pessoalidade; o caráter de acontecimento do conhecimento dialógico; o encontro entre o eu e o outro; e a avaliação necessária que se faz processualmente.

Todo esse movimento dialógico acentua o aspecto formativo da pesquisa e, segundo Tzvetan Todorov (2011, p. XXXI), possibilita-nos “[...] praticar a compreensão da liberdade humana”. Ao prefaciar a edição francesa (*Estetika*), o autor identifica em Bakhtin o trabalho do pesquisador-crítico em três esferas diferenciadas. Na primeira, a precisão, na qual se faz a recolha dos dados materiais com a reconstituição do contexto histórico. Na terceira, a explicação pelas leis (sociológicas, psicológicas, biológicas) do fenômeno estudado. As duas esferas são absolutamente legítimas e necessárias, mas é entre elas “[...] que se situa a atividade mais específica e mais importante do crítico e do pesquisador em ciências humanas: é a interpretação como diálogo, a única que permite recobrar a liberdade humana” (TODOROV, 2011, p. XXXII). Trata-se do sentido atribuído ao objeto em estudo, num movimento de liberdade interpretativa dos interlocutores. Se o homem é determinado enquanto ser (objeto), é livre enquanto sentido (sujeito). “Na ordem do ser, a liberdade humana é apenas relativa e enganadora. Mas na ordem do sentido ela é, por princípio, absoluta, uma vez que o sentido nasce do encontro de dois sujeitos, e esse encontro recomeça eternamente” (TODOROV, 2011, p. XXXI). Nessa perspectiva, as múltiplas vozes dialogam e atribuem sentido num espaço-tempo no qual, segundo Bakhtin (2011, p. 410), “[...] não existe nem a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico”. O diálogo, essa forma clássica da comunicação verbal, com a clareza e a simplicidade que lhe são peculiares, pode se estender indefinidamente. Pode retomar os diálogos estabelecidos num passado remoto e renová-los num processo de desenvolvimento futuro e, com ele, entretecer um novo texto polissêmico e polifônico, abarcando os múltiplos sentidos e conservando as vozes que o constituíram.

A linguagem e sua unidade referencial

A linguagem é compreendida, na concepção bakhtiniana, como um complexo sistema de diálogos ininterruptos no qual o enunciado é sua unidade básica. Para Bakhtin (2011), o enunciado se constitui como um ato histórico e irrepitível, um acontecimento que precisa de um enunciador (sujeito que fala ou escreve) e de um receptor (sujeito que ouve ou lê), ambos situados num contexto social. O enunciado é caracterizado pelo conteúdo semântico-objetual e por seu elemento expressivo. O primeiro determina a escolha dos meios linguísticos e do gênero discursivo mais adequado à “ideia” do sujeito do discurso e focaliza o objeto e o sentido a ele atribuído. O segundo é “[...] a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado [...], [que] determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado” (BAKHTIN, 2011, p. 289). Embora o autor faça referência à língua como sistema que concretiza a linguagem com seu arsenal de recursos linguísticos, lexicais, morfológicos e sintáticos, utilizada para expressar a posição emocionalmente valorativa do falante, a entonação expressiva é uma característica inerente ao enunciado, à linguagem situada contextualmente, e não à língua enquanto sistema.

Para Bakhtin (2011, p. 299), “Cada enunciado isolado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. Ele tem limites precisos, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso (dos falantes)”. O enunciado se configura como acontecimento histórico num determinado espaço e tempo por ser produzido por um sujeito e recebido por outro, sujeitos sociais identificados. Nesse sentido, torna-se único e irrepitível, pois ainda que uma mesma frase seja reproduzida palavra por palavra pelo mesmo enunciador, se o contexto social for diferenciado, o enunciado será outro.

Ao elaborar suas posições teóricas acerca da linguagem, o autor faz referência (e se contrapõe) à linguística do século XIX, com Wilhelm Humboldt (subjetivismo idealista), voltada para a função formadora da língua sobre o pensamento, colocando em segundo plano a função comunicativa da linguagem. Trata-se de um modo de compreender a linguagem considerando apenas o ponto de vista do locutor, como

[...] *um* falante sem a relação *necessária* com *outros* participantes da comunicação discursiva. Se era levado em conta o papel do outro, era apenas como papel de ouvinte [...]. O enunciado satisfaz ao seu objeto (isto é, ao conteúdo do pensamento enunciado) e ao próprio enunciado. (BAKHTIN, 2011, p. 270, grifo do autor).

Para Bakhtin, esta forma de entender a linguagem distorce o processo da comunicação verbal, simplificando-o. A relação do falante e do ouvinte é sintetizada por meio de um esquema dos processos ativos da fala no locutor e dos processos passivos de percepção e compreensão da fala pelo ouvinte. “Não se pode dizer que esses esquemas sejam falsos e que não correspondam a determinados momentos da realidade; contudo, quando passam ao objetivo real da comunicação discursiva eles se transformam em ficção científica” (BAKHTIN, 2011, p. 271). Vale destacar que aqui o fenômeno linguístico é entendido como um ato significativo de criação individual.

Bakhtin (2011) também faz referência a Ferdinand de Saussure, que se debruça sobre os elementos normativos da língua (objetivismo abstrato). O objetivismo abstrato vincula a língua ao aspecto social e a fala ao aspecto individual, privilegiando a língua, enquanto objeto externo. No processo de comunicação verbal, a ênfase também recai sobre a figura do locutor e o objeto do seu discurso como processos ativos, cabendo ao ouvinte a compreensão passiva. Bakhtin não nega esses esquemas, pois eles correspondem, de fato, a alguns aspectos da comunicação, mas não podem representar o seu todo. Aponta, dessa forma, a alternância dos sujeitos falantes e o acabamento que suscita resposta como particularidades que distinguem a unidade da comunicação verbal (o enunciado) da unidade da língua (a oração). Para o autor, o enunciado como unidade referencial da linguagem coloca o ouvinte em movimento (ativo responsivo), no qual

[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta e, nessa ou naquela forma, a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2011, p. 271).

Essa compreensão responsiva ativa a que o autor se refere pode se dar no momento do enunciado, mas também pode ter uma ação retardada, e aquilo que foi ouvido e compreendido de modo ativo poderá encontrar um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte. A compreensão responsiva ativa que se espera do interlocutor não é uma compreensão (passiva) que apenas duplicaria seu pensamento na voz do outro. O que se espera é uma resposta ativa, uma concordância, uma adesão ou uma contraposição. Nessa relação dialógica estabelecida entre falante e ouvinte, o primeiro também é, em certo grau, um

respondente, à medida que se utiliza de enunciados conhecidos do ouvinte. Bakhtin (2011) critica as figuras esquemáticas da linguística porque elas menosprezam o papel ativo do outro no processo de comunicação verbal e desconhecem que a unidade da comunicação verbal é o enunciado. Para o autor, “[...] o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 274) e, independentemente de qual seja o volume, o conteúdo, a construção composicional dos enunciados, eles sempre possuem características estruturais comuns e, acima de tudo, limites precisos. Os limites são determinados pela alternância dos sujeitos falantes. “O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar a sua compreensão ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2011, p. 275).

O exercício da linguagem, em forma de enunciados orais e escritos, permeia todas as esferas da atividade humana e, segundo Bakhtin (2011), produzem tipos relativamente estáveis de enunciados, chamados gêneros do discurso, que podem ser classificados como primários ou secundários. O autor exemplifica como discurso primário a réplica do diálogo cotidiano, o relato familiar, a carta, entre outros, e, como gênero do discurso secundário, o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, entre outros. O primeiro se constitui como uma comunicação verbal espontânea, de enunciado simples, enquanto o segundo pressupõe uma comunicação mais aprimorada, principalmente quando se trata de escrita, e, desse modo, o enunciado é complexo. Porém, no momento em que os gêneros primários participam como componentes dos gêneros secundários, eles também se transformam e se tornam mais complexos, perdendo a relação direta com a realidade imediata existente.

Luís Felipe Ribeiro (2006) esclarece que Bakhtin trata da linguagem e não da língua. Trabalha com um mundo em movimento e em transformação constante. Seu objeto está em processo e não se submete a uma forma fixa e/ou imutável. Considera o enunciado um elemento “vivo” que requer, além de um enunciator e um enunciatário ou receptor, a presença do que Bakhtin chamou de um terceiro do diálogo. Todo diálogo pressupõe alguém diante de quem se dialoga. Esse terceiro poderá ser alguém que discorde do que está sendo enunciado e constrói/busca argumentos para contradizer; pode ser alguém que concorda com os enunciados, possui convicções semelhantes e estará buscando concordâncias que o satisfaçam ou discordâncias que aprofundarão o diálogo. Nesse sentido, todo diálogo acontece num auditório social e todo enunciado será sempre construído a partir de “[...] uma referência axiológica, um conjunto de valores que, paradoxalmente, darão consistência ao que dizemos e

estarão vigiando a nossa adequação ou não às propostas que dizemos defender. Este conjunto de valores constituirão a imagem do ‘terceiro do diálogo’” (RIBEIRO, 2006, p. 6).

É preciso destacar ainda que o enunciado possui dois aspectos distintos que se complementam: de um lado a materialidade técnica e de outro aquilo que foge aos limites da língua e entra no espaço da linguagem (o tema). A estrutura material é a mesma para os diferentes usuários da língua, é o meio pelo qual os sujeitos se expressam discursivamente, enquanto o outro aspecto é inerente ao texto. Esse outro aspecto somente se revela numa situação específica e numa cadeia de outros textos (singulares, dentro de um campo específico), que resultam das relações dialógicas e dialéticas abstraídas pelo autor.

Portanto, por trás de cada texto está o sistema de linguagem. A esse sistema corresponde no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo seu sentido (sua intenção em prol da qual ele foi criado). É aquilo que nele tem relação com a verdade, com a bondade, com a beleza, com a história. (BAKHTIN, 2011, p. 309-310).

Ribeiro (2006, p. 7) enfatiza uma luta permanente entre o velho e o novo em cada enunciado materializado: “O velho são as significações que herdamos ao aprender a falar uma língua e ao longo de seu exercício social. O novo, aquilo que cada situação de enunciação apresenta de novidade e de ato histórico original”. O autor contextualiza as elaborações de Bakhtin acerca da linguagem como formuladas a partir de uma erudição literária e filosófica. A erudição literária ofereceu-lhe um contato “[...] privilegiado com a linguagem humana real e o conhecimento filosófico uma vacina eficaz contra as simplificações positivistas [...] sua escolha foi decididamente por uma filosofia do movimento, que vem de Heráclito aos nossos dias” (RIBEIRO, 2006, p. 4). Esse caminho percorrido e a opção por uma linguagem em movimento o afastou das filosofias que veem um mundo pronto e acabado em formas imutáveis, fora do tempo e do espaço. Uma trajetória que nos possibilita, nos dias atuais, pesquisar a relação sujeito e palavra poética a partir de uma concepção de linguagem “viva” e dinâmica, produto da interação humana que, por sua vez, abarca um modo dialógico de entender o sujeito e a sociedade na qual este sujeito está inserido.

Palavra e palavra poética

A palavra para Bakhtin (2011) é vista como um elo entre os vários discursos. Ela é um signo social dialético, dinâmico e vivo. A palavra está sempre a serviço de algo, carregando

consigo interpretações dos contextos pelos quais transita. O autor enfatiza que “As palavras não são de ninguém, em si mesmas nada valorizam, mas podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes” (BAKHTIN, 2011, p. 290). A palavra adquire significado no enunciado. “Se uma palavra isolada é pronunciada com entonação expressiva, já não é uma palavra, mas um enunciado acabado expresso por uma palavra” (BAKHTIN, 2011, p. 290). Ele nos mostra alguns exemplos de palavras que se constituíram como enunciações valorativas, como “ótimo”, “bravo”, ou palavras usadas em determinados contextos políticos e sociais que adquiriram um peso específico, como as palavras “paz”, “liberdade”, entre outras. Nesses casos, não estamos mais diante de uma palavra enquanto unidade da língua, nem do significado desta. Estamos diante de um enunciado com sentido completo e concreto no qual “[...] não só compreendemos o significado de dada palavra enquanto palavra da língua como ocupamos em relação a ela uma ativa posição responsiva – de simpatia, de acordo ou desacordo, de estímulo para a ação” (BAKHTIN, 2011, p. 291).

Por outro lado, Bakhtin (2011, p. 291) nos explica que “[...] é muito difícil abrir mão da convicção de que cada palavra da língua tem ou pode ter por si mesma ‘um tom emocional’, ‘um colorido emocional’, ‘um elemento axiológico’, ‘uma auréola estilística’, etc. e, por conseguinte, uma entonação expressiva inerente a ela enquanto palavra”. A palavra adquire sentido na enunciação contextualizada, em interação com uma realidade “viva” e em movimento.

Aqui vale lembrar as propriedades da palavra destacadas por Bakhtin (1992, p. 37): a “pureza semiótica” – a palavra funciona como um signo (ideológico) em todas as esferas da vida social, ela pode ser empregada em diferentes situações; a “neutralidade ideológica” – a mesma palavra é usada em diferentes situações/contextos, ela “[...] é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa”; a “implicação na comunicação da vida cotidiana” – a palavra está diretamente vinculada aos processos de produção e também às diversas ideologias (especializadas e formalizadas); a “possibilidade de interiorização” – que significa certo embate entre a consciência (palavra interior) e as palavras exteriores, num diálogo em que o sujeito vai construindo significações. Segundo Bakhtin (1992, p. 37), “[...] a consciência não poderia se desenvolver se não houvesse um material flexível, veiculável pelo corpo. E a palavra constitui exatamente esse tipo de material”. E, finalmente, a propriedade de “participação da palavra em todo ato consciente” – “A palavra acompanha e comenta todo ato

ideológico [...] (um quadro, uma peça musical, um ritual, ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior” (BAKHTIN, 1992, p. 37-38).

De todo modo, enquanto falantes, leitores e/ou escritores, usamos as palavras que não são nossas; apropriamo-nos das palavras do outro e as tornamos nossas. Escolhemos as palavras que atribuem ao nosso enunciado entonação expressiva adequada à mensagem que queremos compartilhar. Bakhtin (2011, p. 291) afirma que quando nós selecionamos uma palavra para compor uma enunciação “[...] é como se nos guiássemos pelo tom emocional próprio de uma palavra isolada: selecionamos aquelas que pelo tom correspondem à expressão do nosso enunciado e rejeitamos as outras. É precisamente dessa maneira que os poetas representam o seu trabalho”.

Bakhtin não tomou a poesia como objeto de estudo extensivo. Contudo, faz menção às formas de o poeta escolher suas palavras na composição de um poema e dirige sua crítica à estilística tradicional, que, voltada em sua base para a concepção do discurso poético, limita-se à descrição da linguagem, à análise temática ou ao exame de elementos isolados, incapaz de abordar as especificidades literárias do discurso romanescos. Tratou de comparar o discurso na poesia e o discurso no romance, destacando que o discurso prosaico teria uma natureza dialógica e o poético não. Para Bakhtin (2011), o romance apresenta a complexidade do diálogo, que não se restringe à troca de ideias, conotações de palavras ou de respostas, como no diálogo cotidiano, mas se constitui de um cruzamento de estilos, gêneros e vozes. O discurso romanescos, em seu conjunto, é caracterizado como fenômeno plurilinguístico, pluriestilístico e plurivocal, constituindo-se como um sistema dinâmico e complexo de estilos de linguagem, no qual a inter-relação desses estilos está em permanente mudança.

Ao comparar prosa e poesia, o autor classifica os discursos em monológicos ou dialógicos. Entende que o romance é dialógico, pois entrecruza em sua composição uma multiplicidade de situações linguísticas que combinam diferentes discursos. Nesse discurso, a palavra adquire dupla significação, torna-se ambivalente, e daí seu caráter de discurso bivocal. Em sua análise, na poesia, as outras vozes seriam abafadas pela apropriação e interpretação do poeta, resultando num discurso autoritário e dogmático. Este discurso se mostra como um sistema acabado de uma única voz, e daí seu caráter de discurso monovocal. Ao apontar o caráter monológico da linguagem poética, o autor está se referindo aos poemas fechados em si mesmos, pretensamente vistos como constituídos de uma linguagem superior e sacralizada.

Bakhtin interrogou a pretensa superioridade da linguagem poética, capaz de descrever um mundo pronto e acabado. Recusou também a ideia de o poeta transcender a linguagem, estar fora dela, não pertencer à condição humana, trabalhar com as palavras como mistério,

como algo “indizível”. Fragmentos desta crítica feita por Bakhtin (2011, p. 414) ao discurso poético podem ser percebidas na descrição que ele faz das peculiaridades formais da poesia de Viatcheslav Ivánov, cujos versos não permitem perceber “[...] a carne da palavra, o corpo da palavra, com sua individualidade e aroma. O pensamento lógico as absorve”. Também não se pode ouvir o som em seus poemas; neles, “[...] o som não rumoreja nem tilinta: está oculto, situado além das fronteiras da nossa percepção. Neste sentido, sua poesia não é musical. Em seus poemas não há uma única palavra fortuita” (BAKHTIN, 2011, p. 415).

Para o autor, numa forma poética voltada apenas para si ou para o “eu” do poeta, não há diálogo. A relação com o outro é superficial (não dialógica) e as forças da linguagem objetivam a perfeição, são centralizadoras e se afastam da palavra “viva”. Bakhtin faz a crítica à forma poética monológica, aquela voltada apenas para si mesma, pois em sua concepção de linguagem não há palavra sem o outro. Ela existe em plenitude quando considerada em sua dimensão social. A reflexão dirigida à poesia está diretamente relacionada à forma de perceber a arte (literária) como parte da vida do homem e não como um objeto autônomo.

A palavra “poesia” tem uma história. Um percurso polifônico marcado por movimentos de ruptura e também de preservação de alguns elementos da tradição. Para compreender a pluralidade dos conceitos que cercam esta palavra, propomo-nos a fazer um “passeio” pela história da palavra “poesia”, buscando, ainda que brevemente, retratar os conceitos elaborados e as premissas que foram, ao longo da trajetória, preservadas ou aprimoradas e que, de algum modo, revitalizam o tempo-espaço da experiência poética dos sujeitos contemporâneos.

Poesia

Uma das primeiras afirmações que se pode fazer acerca da poesia é que ela possui uma multiplicidade de conceitos. A poesia é arte em forma de palavras. É palavra que emociona, mobiliza e possibilita tomada de consciência. Desestabiliza. É subjetividade e metáfora. Produção de conhecimento. Elemento curricular desejável nos diferentes tempos e espaços escolares. A palavra poética promove o encontro entre os saberes e os sujeitos. Ela pode ser o ponto de partida e o de chegada. Transformar-se em instrumento de aproximação e partilha afetiva entre humanos identificados na linguagem por suas criações e realizações culturais. A poesia condensa e celebra manifestações de vida, de histórias e de ideias tecidas por fios invisíveis que nos ligam a nós mesmos e aos outros. Poesia é mais que gênero literário. Tem o poder de evocar ou criar imagens. Manifesta-se estética e fenomenicamente na composição

em versos. São os poemas encharcados de poesia que “[...] vem em nossa ajuda para reencontrar a respiração dos grandes sopros”, revela-nos Gaston Bachelard (1988, p. 174). Para o poeta, a poesia é devaneio, “[...] não o devaneio que faz dormir, mas o *devaneio operante*, o devaneio que prepara obras. [...] [E] todo nosso esforço ao reviver o devaneio do poeta consiste em experimentar o caráter operante” (BACHELARD, 1988, p. 175, grifo do autor) e perseguir, ou não, suas pegadas.

“A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior, a poesia revela este mundo; cria outro” – assim, Octávio Paz (2012, p. 21) inicia, em *O Arco e a lira*, uma página inteira dedicada aos enunciados que pretendem dizer o que é a poesia. O autor reflete sobre como cada uma dessas expressões possui um poeta que a encarna e dá vida; e, a partir disso, ponderamos que tentar definir poesia a partir do que dizem os poetas é coletar uma pluralidade de enunciados metafóricos que carregam a beleza e a complexidade inerentes a essa forma de linguagem.

Pedro Lyra (1986, p. 6), com o propósito de problematizar o(s) conceito(s) de poesia, recolhe vários enunciados distintos, dentre os quais está o de Cecília Meireles: “palavras olhando apenas para si mesmas”; de Mario Quintana: “uma das artes plásticas”; de Mallarmé: “se faz com palavras e não com ideias”; de Oswald de Andrade: “a descoberta das coisas que nunca vi”; e de Baudelaire: “a ida ao fundo do desconhecido para encontrar o novo”. O autor parte destes enunciados em busca de compreender o modo pelo qual essa “[...] poesia [que] está no mundo, originalmente, antes de estar no poeta ou no poema [...], tem sua existência literária decidida nesse trânsito do abstrato ao concreto, do mundo para o poema, através do poeta, no *processo* que conduz do estado de *potência* ao de *objeto*” (LYRA, 1986, p. 7, grifo do autor). Para o autor, a existência da poesia está relacionada aos seres (objetos e/ou situações) que provocam o sujeito e o impulsionam a uma atitude estética de resposta, a produzir o poema, que, por sua vez, é a “verbalização estetizante da poesia” (LYRA, 1986, p. 88).

A poesia e o poema estão diretamente relacionados. Lyra (1986, p. 5) destaca que temos nos “[...] reportado, ao longo da História, à poesia e ao poema, ora como coisas distintas, ora como coisas identificadas. São inúmeras as tentativas de definição, mas nenhuma se apresentou com a universalidade e o rigor necessários à sua afirmação estética, filosófica ou científica”. O autor está se referindo aos poetas, críticos, historiadores, teóricos, professores, mas também aos leitores de modo geral e à compreensão, muitas vezes formulada ingenuamente, que aborda a poesia e o poema como sinônimos. Lyra (1986, p. 7, grifo do

autor) esclarece que o poema é caracterizado como um texto escrito em verso, objeto empírico concreto que, depois de criado, “[...] existe *per se*, em si mesmo, ao alcance de qualquer leitor, mas a poesia só existe *em outro ser*”. Ela é uma substância imaterial. Esta diferença tem produzido entendimentos problemáticos que estão situados

[...] em dois grandes grupos conceituais: ora como uma pura e complexa substância imaterial, anterior ao poeta e independente do poema e da linguagem, e que apenas se concretiza como conteúdo do poema, mediante a atividade humana; ora como a condição dessa indefinida e absorvente atividade humana, o estado em que o indivíduo se coloca na tentativa de captação, apreensão e resgate dessa substância no espaço abstrato das palavras. (LYRA, 1986, p. 6-7).

Deparamo-nos com a pluralidade ao olhar a poesia não apenas nas tentativas de definições conceituais, mas igualmente nos diferentes aspectos (imaterial, estético, linguístico, histórico) que compõem aquilo que chamamos de poético. Ângela Leite de Souza (2013, p. 15) explica que quando se trata da poesia é muito frequente ancorá-la numa visão romântica e pensar de imediato que estamos falando de algo que deva ser compreendido “[...] muito mais com o coração do que com a razão. Por mais que as vanguardas do século XX (o Dadaísmo, o Surrealismo, o Concretismo, entre outros movimentos) tenham mostrado que a emoção não pode ser a única chave para a fruição da poesia”. Se o aspecto que se sobressai num primeiro momento é o imaterial (emoção), a fruição poética resulta do encontro do homem com a materialidade das palavras que compõem o poema, palavras com poder de propiciar uma experiência estética. O poema é o texto escrito (ou oral), mas a sua leitura (audição ou criação) é a experiência de vislumbrar (ou não) a energia pulsante de cada palavra que o constitui. A partir desta percepção podemos entender que a poesia não é o poema, mas está nele materializada como texto a ser apreendido.

No estudo realizado tratamos da poesia no sentido amplo (imaterial, da emoção) e do poema enquanto gênero literário (objeto), fazendo a diferenciação quando necessário, mas dialogando igualmente com autores que trabalham nessa perspectiva (PAZ, 2012; LYRA, 1986; SOUZA, 2013, entre outros) e com aqueles que não enfatizam a diferenciação (BORDINI, 1991; AVERBUCK, 1985; KIRINUS, 2008, 2011, entre outros).

Estes múltiplos entendimentos acerca do poético nos convidam a fazer um “passeio” até as origens da palavra “poesia”. Etimologicamente, essa palavra tem origem no grego *poiēsis*, e significa o “[...] acto de fazer, de fabricar; criação; a criação, isto é, o mundo criado; criação legal por adopção; adopção; fabrico, confecção; acto de compor obras poéticas” (MACHADO, 1977, p. 389). No latim, o universo semântico do vocábulo *pōēsis* abarca os

significados de “obra poética; [e/ou] obra em verso” (MACHADO, 1977, p. 389). Esse movimento vai nos conduzir a Aristóteles (2000), para quem a poesia também significa produção, criação ou transformação. Vai nos levar à visão platônica de poesia como inspiração, produzida por um ser irracional, servo dos deuses, cujos versos não são frutos da capacidade humana. Também ao filósofo romano Horácio (1997), por sua concepção de poesia nos indicar os primeiros princípios que justificam sua presença na sala de aula. Convencido da força educativa da poesia, Horácio aconselha os poetas a não se bastarem no talento, na inspiração, mas buscarem a técnica e o esforço intenso até atingirem o ideal poético. Chegamos ainda em Longino⁴⁷ (1997) e sua concepção de poesia como arrebatamento sublime, cujos lances geniais manifestam a força do orador e conduzem os ouvintes ao admirável, ao sublime.

A compreensão daquilo que chamamos hoje de poesia carrega nuances históricas das formulações cujas bases, desde o início, estão articuladas ao modo de pensar o processo de formação humana. Essas concepções influenciaram movimentos literários como o Classicismo e o Romantismo, que, segundo o historiador da literatura Vitor Manuel de Aguiar e Silva (1996), foram movimentos os quais retomaram as acepções (clássicas) para refutar ou para reafirmar suas noções fundantes. Duas formas de pensar a poesia sobre as quais, em determinado momento, chegou-se a estabelecer uma distinção: “[...] a arte clássica como uma arte que exclui todas as antinomias, ao contrário da arte romântica que se compraz na simbiose dos gêneros e dos elementos heterogêneos: natureza e arte, poesia e prosa, ideias abstratas e sensações concretas” (AGUIAR E SILVA, 1996, p. 540). A palavra poética, com seu duplo (ou múltiplo) olhar, ajudou a construir visões de mundo, de organização social e de homem que, por um viés clássico, foi visto no equilíbrio de suas paixões, na lucidez que recusa o engano e, pelo viés romântico, foi proclamado no seu aspecto natural, primitivo e espontâneo.

Cada movimento literário procurou aprofundar e/ou consolidar os conhecimentos acerca dos aspectos que lhe pareceu mais relevante. Neste sentido, precisamos mencionar ainda a contribuição dos formalistas russos para o estudo da poesia. Estes colocaram em relevo o aspecto linguístico-estrutural e se propuseram a estudar o automatismo da percepção humana e o papel renovador da arte. Embora o movimento de Moscou tenha sido breve (1915-1930) e arduamente contestado, sua doutrina é responsável por trazer aos nossos olhares a concepção de literatura e, por extensão, de poesia, como estranhamento, como visão

⁴⁷ “Ignora-se o nome e a data da obra. Esta é provavelmente do século I d.C. e seu autor se chamou Longino, ou Dionísio, ou Dionísio Longino.” (BRANDÃO, 1997, p. 69).

singular do mundo, que nos interroga e nos faz pensar. A literatura desacomoda, ou seja, ela nos tira do lugar comum e, desta forma, nos impele a modificar os nossos ambientes cognitivos. Pouco se pode perceber ou aprender com aquilo que estamos acostumados. Para Todorov (1965, p. 18), “O hábito nos impede de ver, de sentir os objetos, é preciso deformá-los para que o nosso olhar se fixe neles: é esta a finalidade das convenções artísticas”.

Nos dias atuais, quando falamos de poesia, em seu sentido mais amplo, estamos nos referindo a um tipo de discurso ou a uma forma de linguagem que aciona os mecanismos desautomatizadores da linguagem cotidiana e a coloca numa posição de experiência estética, de expressão artística, afetiva e emocional diferente da linguagem usual. Nesse sentido, Fernando José Fraga de Azevedo e Isabel Souto e Melo (2012, p. 921) descrevem a poesia como

[...] um tipo de texto onde a concentração sígnica e a multivalência semântica, expandidas pela plurissignificação da conjugação dos elementos do conteúdo com os da expressão, possibilita, ao leitor, o contato emocional e afetivo com o estado de coisas do mundo empírico e histórico-factual, sugerindo veredas plurais para o seu acesso, conhecimento e reflexão.

Os autores destacam o aspecto linguístico, altamente condensado na linguagem poética, e a relação afetiva (aspecto imaterial) do sujeito com esse objeto, pelas inúmeras relações que podem ser estabelecidas. Esclarecem que se trata de uma linguagem que se distancia da linguagem cotidiana, pois é condensada, complexa e plural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem bakhtiniana de uma epistemologia para as ciências humanas, explicitada em sua filosofia da linguagem, propiciou ao estudo realizado um caráter dialógico e dinâmico pelo qual o homem enquanto sujeito fala sobre si mesmo. A construção do cotidiano (real), desde as percepções mais simples até as mais elaboradas, acontece na e por meio da linguagem, que, para a concepção bakhtiniana, é constituidora não apenas da realidade percebida, mas, igualmente, dos sujeitos que a percebem e lhe atribuem significados. Para Bakhtin (2011), a linguagem se materializa como fluxo ininterrupto no qual cada sujeito está imerso estabelecendo relações consigo mesmo (seu outro eu) e com o outro, como seu complemento necessário. Assim, a própria unidade da linguagem, o enunciado, é uma consequência da complementariedade requerida.

Não há linguagem solitária e individual, mas um processo intersubjetivo, em constante movimento, no qual: “Cada enunciado isolado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. Ele tem limites precisos, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso (dos falantes)” (BAKHTIN, 2011, p. 299). Este modo de perceber a linguagem (que pautou a pesquisa) nos ajudou a explicitar um conceito de poesia não como letra “aprisionada”, assunto de literatos, mas uma possibilidade viva, dinâmica e desafiadora, que amplia não apenas a nossa forma de lidar com a linguagem, mas “remexe” com a nossa vida real, situada historicamente, em permanente (trans)formação. Pensamos numa poesia alicerçada nos pressupostos bakhtinianos da linguagem. Uma poesia dialógica e ativo responsiva que, ao invés de emudecer o sujeito, pela incompreensão ou inacessibilidade de uma monologia, convida-o ao diálogo e à coautoria, tomando o poema como espaço-tempo de posição e pensamento críticos, de construção de conhecimento em constante interação com a natureza lúdica, simbólica e sonhadora do homem e de suas emoções.

A poesia é, sobretudo, linguagem. Para Debus (2016, p. 153), “O contato com a palavra poética contribui para um olhar atento e sensível para as pequenas e grandes coisas que nos rodeiam, para o eu e para o outro, para além do contato com a beleza da palavra escrita em diferentes tons (rima, ritmo, figuras de linguagem, entre outros)”. É esta poesia, plena de diálogo, que se quer na escola e na vida das pessoas, pela experiência estética que possibilita e, principalmente, por reconhecê-la como fonte de conhecimento que pode adensar as relações entre os sujeitos, objetos, tempos e espaços, potencializando os aspectos intelectual, autoral e emancipatório da formação humana.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da literatura**. Coimbra: Almedina, 1996.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. 6. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.

AVERBUCK, Ligia Morrone. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p. 63-83.

AZEVEDO, Fernando José Fraga de; MELO, Isabel Souto e. Poesia na infância e formação de leitores. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 30, n. 3, p. 925-946, set./dez. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2012v30n3p925/24396>>. Acesso em: 19 jul. 2015.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BORDINI, Maria da Glória. **Poesia infantil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

BORTOLOTTI, Nelita. **O sentido da ciência no ato pedagógico**: conhecimento teórico na prática social. 2007. 239 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/90474/249020.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 9 jul. 2016.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. **A poética clássica**: Aristóteles, Horácio, Longino. 7. ed. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997.

DEBUS, Eliane Santana Dias. A palavra poética na infância: a que(m) será que se des(a)tina. In: PEIXE, Débora C. de S.; BRAGAGNOLO, Regina I.; CONDE, Soraya F. (Org.). **Desafios e perspectivas da formação continuada de professores de educação infantil em Santa Catarina**. Florianópolis: NUP/UFSC, 2016. p. 151-168.

HORÁCIO. Arte poética: epistula ad pisonem. In: BRANDÃO, Roberto de Oliveira. **Aristóteles, Horácio, Longino**: a poética clássica. Tradução de Jaime Bruna. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 53-68.

KIRINUS, Glória. **Criança e poesia na Pedagogia Freinet**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. **Synthomas de poesia na infância**. São Paulo: Paulinas, 2011.

LEITE, Maria Isabel. Espaços de Narrativa – onde o eu e o outro marcam encontro. In: CRUZ, Sílvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008. p. 118-140.

LONGINO, Dionísio ou. Do sublime. In: BRANDÃO, Roberto de Oliveira. **Aristóteles, Horácio, Longino**: a poética clássica. 7. ed. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 69-114.

LYRA, Pedro. **Conceito de poesia**. São Paulo: Ática, 1986.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. 3. ed. Lisboa: Horizonte, 1977. v. IV.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Tradução de Ari Ritman e Paulina Wacht. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

RIBEIRO, Luís Felipe. **O conceito de linguagem em Bakhtin**. 2006. Disponível em: <<http://revistabrasil.org/revista/artigos/crise.htm>>. Acesso em: 8 ago. 2015.

SILVEIRA, Rosilene de Fátima Koscianski da. **Infância e poesia**: encontros possíveis no espaço-tempo da escola. 2016. 374 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SOUZA, Ângela Leite de. Alguns dedos de prosa sobre poesia. In: CUNHA, Leo (Org.). **Poesia para crianças**: conceitos, tendências e práticas. Curitiba: Positivo, 2013. p. 13-33.

TODOROV, Tzvetan. Prefácio à edição francesa. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. XIII-XXXII.

_____. **Teoria da literatura – I**. Tradução de Isabel Pascoal. Lisboa: Edições 70, 1965.